

“canalha recolonizadora”. Era pouco mais ou menos a orientação de Borges da Fonseca. Enquanto a *Aurora Fluminense* qualificava o movimento de 1830 na França como “generoso”, o *Repúblico* saudava-o com veemência e acrescentava que “era mister muita desvergonha para o governo da Boa Vista ao menos não se acomodar aparentemente à vontade nacional”. Em dezembro de 1830, escrevia: “Contra a vontade Soberana da Nação Brasileira, não podem *nem reis nem roques*. (. . .) O Brasil quer ser monárquico-constitucional e jamais sofrerá que um *ladrão coroadado* se sente no trono que a Nação ergueu para assento de um monarca constitucional”. A *Nova Luz Brasileira* e o *Repúblico* começaram, depois, a pregar a federação. Apontaram a viagem do imperador a Minas como tentativa de preparação de golpe absolutista. Por coincidência ou não, ao chegar D. Pedro a Barbacena e outras cidades mineiras, os sinos badalavam pela morte de Libero Badaró. Houve quem assinalasse mais do que isso: “Apesar de ter sido bem recebido em toda a parte, tem tido os seus desgostos e cartas anônimas; é sabido que, quando sai das vilas, levam pedradas as casas em que habitou e têm sido assobiados alguns dos que mais o obsequiaram”(79).

D. Pedro chegou ao Rio a 11 de março, encurtada e completada a viagem a Minas. Haveria ainda remédio para a crise? O certo é que a direita liberal hesitava; preferia ainda “um bom ministério”, um “governo jeitoso”. Os conflitos começaram a 11 mesmo; no dia seguinte, sábado, saíram às ruas grupos numerosos de brasileiros, dando vivas à Constituição; na noite de domingo, 13, os portugueses reagiram e a situação agravou-se: seria a *noite das garrafadas*. Os ânimos vinham em exaltação crescente, no primeiro trimestre de 1831. A 7 de março, o *Tribuno do Povo* iniciara a sua publicação; a epígrafe do novo jornal era elucidativa: “Mais vale morrer livre do que viver escravo”, palavras de Catão ao agonizar. Era aniversário da chegada da corte de D. João ao Brasil e o jornal comentava o evento como de “funestas recordações para o Brasil”; aquela corte viera “para desdita nossa”; tudo aqui piorara com a sua vinda. A 17 de março, o jornal glorificava a memória de João Guilherme Ratcliff, o rebelado da Confederação do Equador, sacrificado pela implacável repressão monárquica(80). Nas manifestações do dia 13, a casa de Evaristo da Veiga foi ameaçada;

(79) *Revista do I. H. G. B.*, tomo 76, parte 2ª, pág. 370.

(80) Característica a maneira como Hélio Viana comenta esse fato: “Abriu o nº 22 do *Tribuno do Povo*, de 17 de março, um artigo destinado a explorar outro aniversário, o da morte do revoltoso de 1824, João Guilherme Ratcliff, cuja lenda de brasilidade já foi desfeita por historiadores dignos de todo apreço, como o barão do Rio Branco e o sr. Tobias Monteiro”. (Op. cit., pág. 598).